



Covid-19 e o mercado de trabalho: a recessão das mulheres

Sociedade de Economia da Família e do Gênero (GeFam)

Resumo

Esta **Carta – Maio 2023** busca analisar a evolução de variáveis importantes do mercado de trabalho brasileiro, enfatizando o recorte por gênero na amostra. Em particular, analisamos a evolução durante e pós-pandemia. De acordo com a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* (PNAD Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada trimestralmente desde 2012, mulheres e homens foram afetados de forma distinta pela crise do COVID-19. Focando no grupo de homens e mulheres entre 18 e 60 anos, os resultados encontrados foram:

- **A pandemia teve um impacto negativo e significativo na taxa de participação das mulheres em 2020 e 2021. Em 2022, a taxa de participação de ambos os gêneros voltou à níveis similares ao que era antes da pandemia.**
- **O desemprego, porém, se tornou mais acentuado para as mulheres do que para os homens após a pandemia. O desemprego é maior se considerarmos as mães com crianças de até 5 anos.**
- **A taxa de desemprego dos homens começa a cair dois trimestres antes das mulheres, para eles no 4º trimestre de 2020 enquanto para elas no 2º trimestre de 2021.**
- **A tendência das mulheres de se ausentarem do mercado de trabalho por causa dos afazeres domésticos e de cuidados do lar era de queda entre 2012 e 2020, mas a pandemia reverteu essa tendência.**
- **Por fim, as mulheres ocupadas com serviços domésticos parecem ter sido fortemente afetadas.**

Equipe: Lorena Hakak , Kelly Santos e Ana Luiza de Holanda Barbosa.

Contato: gefam@gefam.com.br

GEFAM

COMPROMISSO

O **Gefam** apoia avaliações de impacto e divulgação de resultados com o intuito de fortalecer o debate público. Mais especificamente, nossa missão é contribuir com a pesquisa e disseminar informações sobre questões de gênero e família no mercado de trabalho e na economia de forma geral.

Visite www.gefam.com.br

A taxa de participação no mercado de trabalho sofreu um choque negativo no primeiro trimestre de 2020 após o início da crise da COVID-19. Esse choque afetou tanto homens quanto mulheres (Figura 1). A taxa de participação masculina pré-pandemia era de cerca de 82%, enquanto para as mulheres era de 63%. Essa taxa caiu a 76% para homens e 56% para mulheres no segundo trimestre de 2020. É importante notar que a diferença na participação no mercado de trabalho entre homens e mulheres vinha declinando desde 2012 e a pandemia reverteu essa tendência, sugerindo que as mulheres foram mais afetadas. Vemos também que a taxa de participação em 2022 voltou à níveis similares ao que era antes da pandemia – a taxa de participação no último trimestre de 2022 voltou para 82% e 63% para homens e mulheres, respectivamente.

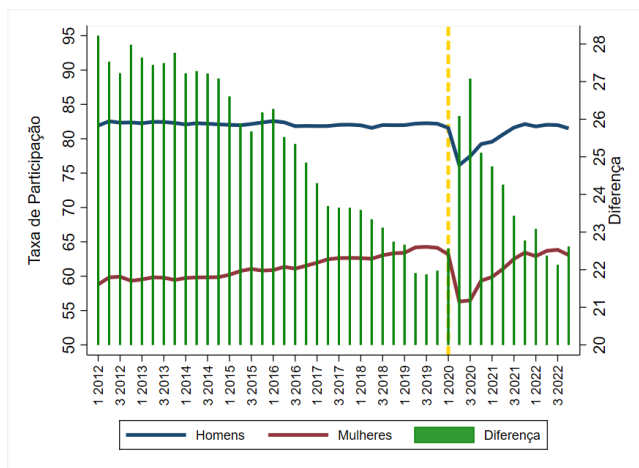


Figura 1 - Taxa de Participação

Os dados também mostram que, ao longo do período 2012-2022, o desemprego aumentou intensamente em dois períodos, entre 2015 e 2017 e na pandemia da Covid-19 (Figura 2). Os efeitos foram negativos para ambos os gêneros, porém, em ambas os períodos, foram piores para as mulheres. A diferença é que no período entre 2015 e 2017 a tendência entre ambos os grupos é parecida. Já na recessão da Covid a persistência e aumento da taxa de desocupação das mulheres é maior e mais prolongada que a dos homens.

A partir de 2020, a taxa de desemprego alcançou cerca de 19% para as mulheres e 13% para os homens. No segundo trimestre de 2020, o desemprego era de cerca de 12,6% para os homens e 16% para as mulheres. Interessante notar que nesse trimestre, a diferença da taxa de desemprego entre homens e mulheres diminuiu, porém aumenta para 7% no 1º trimestre de 2021. A tendência a partir do 2º trimestre de 2021 é de queda do desemprego e volta ao nível pré-pandemia. No quarto trimestre de 2022, a taxa de desemprego chegou a 6,7% para os homens e 10,2% para as mulheres.

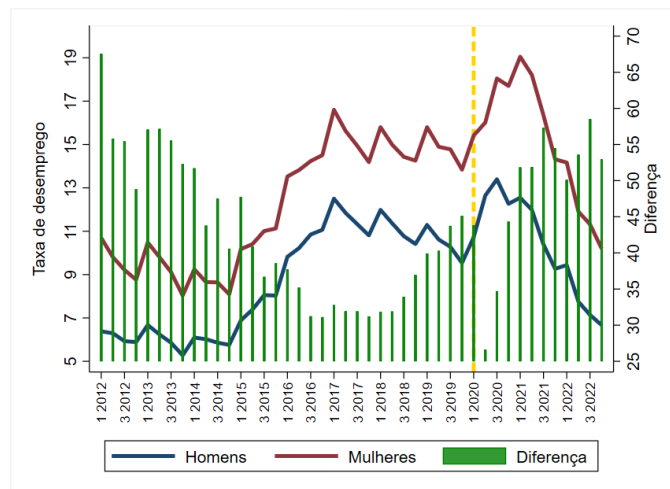


Figura 1 - Taxa de Desemprego

Analisando a diferença da taxa de desemprego entre homens e mulheres com crianças de 0 a 5 anos, a taxa é crescente para as mães até o 1º trimestre de 2021 enquanto para os pais a reversão ocorre no 4º trimestre de 2020 (Figura 3). Quando comparamos as taxas entre as mães e as mulheres sem filhos, a queda das mulheres sem filhos se inicia um trimestre antes do das mães.

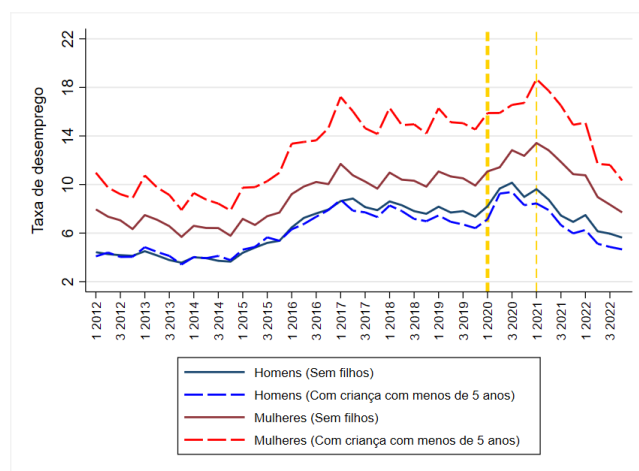


Figura 3 - Taxa de Desemprego

Adicionalmente, chamamos a atenção para a diferença na taxa de participação de mulheres casadas e mães solo nos domicílios com crianças de menos de 5 anos (Figura 4). As mulheres que são mães solo parecem ser as mais afetadas pela pandemia. A taxa de participação desse grupo, que vinha aumentando desde 2015, atingiu seu menor valor no segundo trimestre de 2020: cerca de 50% das mães solo participavam do mercado de trabalho nesse período. E dentro desse grupo, 53% das mulheres são negras.

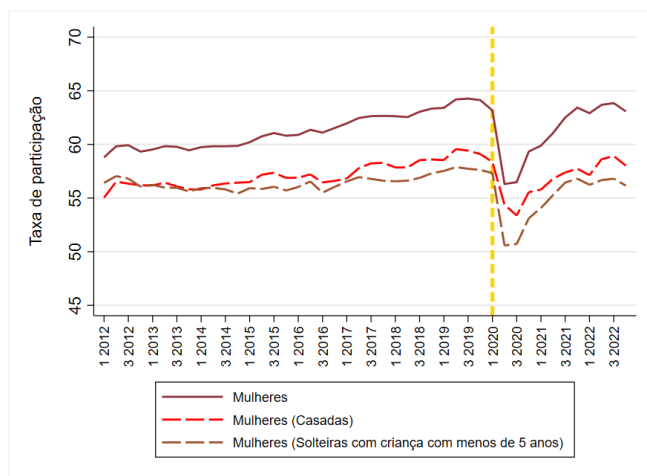


Figura 4 - Taxa de Participação – Apenas Mulheres

Por fim, chamamos a atenção para a quantidade de trabalhadoras que alegam estar fora do mercado de trabalho por causa das exigências domésticas (trabalho não remunerado), como cuidar do domicílio ou de um ente familiar (Figura 5). **Mais de 40% das mulheres que estão fora da força de trabalho alegavam esse motivo antes da pandemia, enquanto menos de 10% dos homens afirmam não estarem no mercado de trabalho com essa justificativa.** No primeiro trimestre da pandemia, houve uma queda abrupta na proporção de mulheres que estavam fora da força de trabalho por causa dos afazeres domicílio. Essa queda pode ser explicada pelo fato de que durante a pandemia, muitas pessoas responderam que o motivo pelo qual estavam fora do mercado de trabalho era por “outros motivos”, que incluem a pandemia. É interessante notar que **a tendência das mulheres de se ausentarem do mercado de trabalho por causa dos afazeres domésticos e de cuidados era de queda entre 2012 e 2020, mas após a pandemia, a tendência é de aumento dessa proporção.**

Outro fator importante para um menor percentual de mulheres fora do mercado de trabalho é a rede de apoio que as mulheres têm dentro do próprio domicílio. São as famílias estendidas que compreendem não só a família nuclear, mas outros parentes, tais como, sogros ou pais. O interessante é que essa rede de apoio parece ter um efeito na decisão da mulher de participar do mercado de trabalho e nenhum na dos homens. **O que reforça que afazeres domésticos e cuidados recai mais sobre as mulheres, acentuando as normas sociais vigentes.**

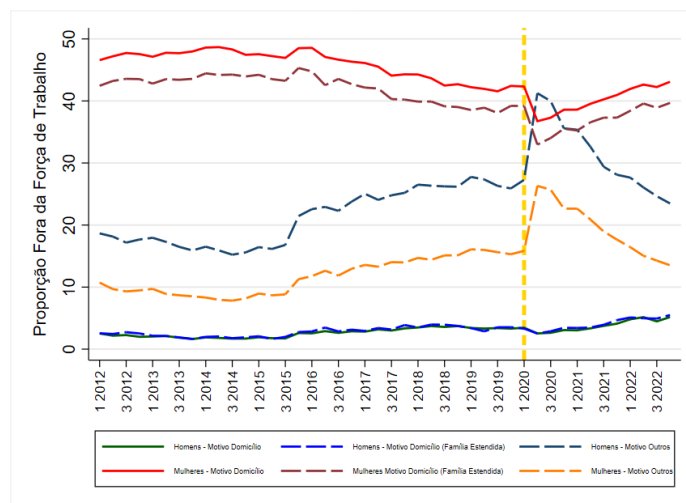


Figura 5 - Proporção que alega estar fora do mercado de trabalho

Na Figura 6, temos a proporção de mulheres em ocupações classificadas como serviços domésticos remunerados. Vemos que há uma tendência de queda na proporção dessas ocupações ao longo dos anos. No primeiro trimestre da pandemia, houve um choque abrupto e negativo nessa proporção. Isso indica que as trabalhadoras em serviços domésticos foram muito afetadas pela pandemia.

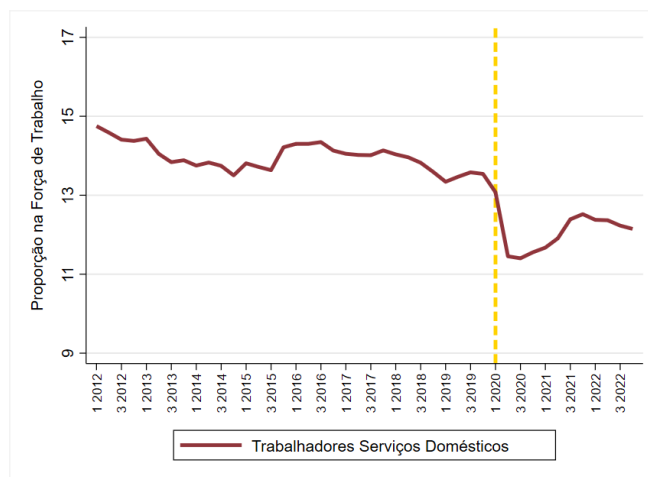


Figura 6 - Proporção de Mulheres em ocupações de serviços domésticos

Notas sobre os índices:

$$\text{Taxa de Participação} = \frac{\text{População Economicamente Ativa}}{\text{População em Idade Ativa}}$$

$$\text{Taxa de Desemprego} = \frac{\text{Desocupados}}{\text{População Economicamente Ativa}}$$

Resumo dos Resultados



A **Carta – Maio 2023** mostra que a pandemia teve um impacto significativo no mercado de trabalho, e principalmente, que esse impacto afetou homens e mulheres de maneira distinta.

A **taxa de participação** no mercado de trabalho sofreu um choque negativo no primeiro trimestre de 2020 após o início da crise da COVID-19. A diferença na taxa de participação no mercado de trabalho entre homens e mulheres vinha declinando desde 2012 e a pandemia reverteu essa tendência, sugerindo que as mulheres foram mais afetadas durante o período. As mulheres que são mães solo, especificamente, parecem ser as mais afetadas pela pandemia. A taxa de participação desse grupo alcançou seu menor valor no segundo trimestre de 2020: cerca de 50% das mães solo participavam do mercado de trabalho nesse período.

A **taxa de desemprego**, por sua vez, aumentou intensamente em dois períodos: entre 2015 e 2017 e na pandemia da COVID-19. Uma reversão da alta do desemprego ocasionada pela pandemia vem sendo observada para ambos os grupos. Entretanto, a duração e a intensidade do desemprego são maiores para as mulheres e para as mães com crianças de 0 a 5 anos – a taxa de desemprego dos homens começa a cair no 4º trimestre de 2020, enquanto das mulheres isso só ocorre a partir do 2º trimestre de 2021.

Por último, em relação aos **motivos de se estar fora do mercado de trabalho**, vemos uma grande diferença por gênero. Mais de 40% das mulheres que estão fora da força de trabalho alegavam exigências domésticas como motivo, e após a pandemia, a tendência é de aumento dessa proporção. Esse percentual é menor nos domicílios com famílias estendidas.